

O OCIDENTE ESTÁ PARANOICO COM A CÚPULA DO BRICS

Por M. K. Bhadrakumar*



Modern Diplomacy.

A divulgação de boatos sobre a posição da Índia por uma agência de notícias ocidental faz parte da velha mentalidade colonial de “dividir para reinar” no trabalho de ampliar as diferenças entre os estados membros do BRICS.

A Reuters publicou uma reportagem especulativa dias atrás de que o primeiro-ministro indiano, Narendra Modi, pode não comparecer pessoalmente à cúpula do BRICS em Joanesburgo e, além disso, que a Índia é desfavorável a uma expansão do grupo. Apesar da longa história de trapaça da Reuters na Guerra Fria, a crédula mídia indiana caiu no boato.

E criou alguma confusão, mas apenas momentaneamente. A África do Sul está consciente de que, com o estado de seus [laços bilaterais com os EUA sendo o que são](#), as excelentes equações pessoais do presidente Cyril Ramaphosa com o presidente russo Vladimir Putin, a permanência do BRICS no [caminho da “desdolarização”](#) e seus [planos de expansão](#), há grandes expectativas sobre o papel construtivo de Modi para tornar o próximo evento em Joanesburgo um [marco histórico](#) na política mundial do século XXI.

O discurso direto do ministro das Relações Exteriores da África do Sul, Naledi Pandor, sobre a reportagem da Reuters está correto. Pandor disse: “Falei com vários colegas do governo e de fora, e todos ficaram surpresos com esse boato. Acho que alguém que está tentando estragar nossa cúpula está criando todo tipo de história que sugere que ela não terá sucesso.

“O primeiro-ministro da Índia nunca disse que não participaria da cúpula. Estou em contato constante com o ministro das Relações Exteriores Jaishankar. Ele nunca disse isso. Nossos sherpas estão em contato e nunca o disseram. Então, todos nós tentamos procurar essa agulha no palheiro que deu início a esse boato.”

Houve um tempo, não muito tempo atrás, em que o Ocidente costumava ridicularizar os BRICS como uma borboleta ineficaz batendo as asas no vazio em uma ordem mundial dominada pelo G7. Mas o “efeito borboleta” está sendo sentido hoje na reconstrução da ordem mundial.

Simplificando, o fluxo torrencial de eventos no ano passado na situação em torno da Ucrânia trouxe à tona a luta existencial da Rússia em relação aos EUA, que por sua vez desencadeou uma mudança tectônica na paisagem internacional, sendo um aspecto transformador a ascensão do Sul Global e seu papel cada vez mais importante na política internacional.

O governo Biden não esperava que uma polarização para isolar a Rússia e a China terminasse assim. Paradoxalmente, a “contenção dupla” de Washington da Rússia e da China, consagrada na Estratégia de Segurança Nacional do governo Biden, marcou o início da ruptura do Sul Global com o controle das grandes potências, reposicionando seu *status* e papel internacional e buscando autoconfiança e autonomia.

A Arábia Saudita é um exemplo estelar – assumindo uma trajetória independente em pontos quentes regionais como o Sudão ou a Síria, calibrando o mercado mundial de petróleo por meio do formato OPEP Plus em vez de obedecer aos ditames de Washington e buscando a adesão ao BRICS.

Os países em desenvolvimento estão ganhando espaço de manobra no jogo das grandes potências e sua influência política aumentou rapidamente. Sua independência diplomática e autonomia estratégica no contexto da crise da Ucrânia acelerou sua ascensão como uma força emergente na política global em um período de tempo notavelmente curto.

O que leva os 23 países não-ocidentais a buscarem formalmente a adesão ao BRICS – embora o agrupamento nem sequer tenha um secretariado – é que o agrupamento é visto hoje como a principal plataforma do Sul Global defendendo uma ordem mundial equitativa e, portanto, tem um encontro com o destino da humanidade.

Desde o início, o BRICS tem sido esperto o suficiente para não injetar nenhum “antiocidentalismo” em sua agenda – na verdade, nenhum de seus membros fundadores tem uma “mentalidade de bloco”. Mas isso não impediu que o Ocidente se sentisse ameaçado. Na realidade, essa percepção de ameaça emana de um medo mórbido de extinção do domínio ocidental de quatro séculos sobre a ordem política e econômica e o sistema internacional está chegando ao fim.

O neomercantilismo, crucial para deter o declínio das economias ocidentais, está sendo desafiado frontalmente, como estamos testemunhando em tempo real no Níger. Sem a transferência massiva de recursos da África, o Ocidente enfrenta um

futuro sombrio. O chefe de política externa da União Europeia, Josep Borrell, deixou escapar em um momento de fraqueza que o Ocidente, um jardim bem cuidado, está ameaçado pela selva. Os medos e instintos atávicos implícitos na metáfora de Borrell são simplesmente impressionantes.

Daí tal frenesi para atropelar o BRICS, enfraquecer sua determinação, manchar sua imagem e posição e impedi-lo de ganhar força. Infelizmente, a mesma velha mentalidade colonial de “dividir para reinar” está em ação para ampliar as diferenças e discordâncias entre os estados membros do BRICS.

A controvérsia sobre a postura indiana em relação à expansão do BRICS só pode ser vista dessa forma. Na semana passada, após o boato divulgado pela *Reuters*, o porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da Índia se sentiu compelido a esclarecer tudo novamente: “Deixe-me repetir novamente. Esclarecemos nossa posição no passado. Conforme determinado pelos líderes no ano passado, os membros do BRICS estão discutindo internamente os princípios orientadores, os padrões, critérios e procedimentos para o processo de expansão do BRICS com base em consultas e consensos completos. Como nosso Ministro de Relações Exteriores mencionou, estamos abordando isso com mente aberta e uma perspectiva positiva. Vimos algumas especulações infundadas... de que a Índia tem reservas contra a expansão. Isto simplesmente não é verdade. Então, deixe-me colocar isso muito claramente a partir disso.”

Com relação ao boato de que Modi planejava pular a viagem a Joanesburgo, o porta-voz indiano reagiu: “Peço a você que não se baseie em relatos especulativos da mídia. Quando estivermos em condições de falar, de anunciar essas visitas de alto nível, certamente o faremos, e vocês saberão que essa tem sido a nossa prática. No momento, peço a todos que sejam pacientes e deixem-nos anunciar no momento certo.”

Da mesma forma, a conspiração anglo-americana por trás do mandado de prisão do TPI contra Putin é evidente. A Rússia foi pioneira no BRIC e a primeira cúpula do grupo ocorreu em Yekaterinburg em 2008 (que, aliás, emitiu uma declaração conjunta alertando contra o domínio global do dólar americano como moeda de reserva padrão do mundo).

Putin tem incansavelmente feito campanha pela “desdolarização” e é a voz mais ressonante hoje sobre essa questão no cenário internacional. O prognóstico de Putin ganhou ampla aceitação no Sul Global, como evidenciado pelo êxodo de países que optaram por moedas nacionais para liquidar seus pagamentos mútuos. Washington está cada vez mais preocupado com o fato de que um processo de “desdolarização” esteja ganhando força no sistema financeiro internacional após a armamentização excessiva de sanções e apreensão arbitrária de reservas em dólares de países com os quais não se dá bem.

Curiosamente, a *Bloomberg* publicou um artigo sobre a cúpula do BRICS intitulado “*This club isn’t big enough for both China and India*” (“Este clube não é grande o suficiente para China e Índia”). Sua tese é que “as tensões entre os rivais asiáticos provavelmente impedirão que o bloco BRICS represente um desafio coerente para

o Ocidente”. É uma tentativa banal de insistir nas contradições que existem entre a China e a Índia para criar uma barreira e minar a unidade do BRICS.

É verdade que a Índia pode ter preocupações sobre a China dominar o grupo BRICS. Mas a China também é um forte expoente da expansão do BRICS e do aumento da representação dos países em desenvolvimento. Isso não mostra uma convergência estratégica?

Fundamentalmente, apesar de sua disputa fronteira não resolvida, Índia e China têm uma visão comum de que o BRICS desempenha um papel essencial no cenário multilateral global. Ambos os países também veem os BRICS como uma plataforma para aumentar seu *status* e influência internacional. Essa comunhão de interesses é o que preocupa o Ocidente.

Para a Índia, o BRICS é uma plataforma instrumental favorável para realizar sua aspiração de alcançar maior representação no cenário internacional. Portanto, o sucesso do BRICS só pode fortalecer a política externa da Índia – e, possivelmente, pode até criar alguma energia e ambiente positivos em suas relações com a China.

Publicado em [Indian Punchline](#).

**M. K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*
